

CULTO HERÓICO, CERIMÔNIAS FÚNEBRES E A ORIGEM DOS JOGOS OLÍMPICOS

HAIGANUCH SARIAN

Museu de Arqueologia e Etnologia –
Universidade de São Paulo

RESUMO

Organizados e instituídos em 776 a.C., em Olímpia, os Jogos Olímpicos recuam, entretanto, no tempo, quando suas origens se identificam com a própria história do santuário. Referências significativas em Píndaro (*Olímpicas*), e em Pausânias (5,13) apontam para o mito de Pélope, herói local que havia vencido em duelo Enomau, pai de Hipodâmia, num rito nupcial e de sucessão ao trono, façanha que o prestigiou, após a sua morte, com um santuário caracterizado como um *herôon*, em cujas proximidades Hércules, seu descendente, deu início à prática de Jogos Fúnebres em sua honra. Pode-se supor que antes de consagrar Zeus em Olímpia, os concursos atléticos tenham homenageado Pélope. À menção de Pausânias, acrescentam-se as descobertas arqueológicas que identificaram e recuperaram o túmulo de Pélope – o *Pelópion*, cujos vestígios remontam ao início do I milênio a.C., evidenciando tratar-se da primeira instalação de caráter cultural no santuário de Olímpia.

Desses Jogos Fúnebres tem-se uma idéia mais precisa com base nos funerais de Pátroclo tal como os registram a poesia homérica e as representações figuradas arcaicas que, como todas as cerimônias funerárias na Grécia antiga, correspondiam a um ritual de revigoração do morto e, em consequência, da comunidade. Neste contexto, enriqueceu-se o sentido dos Jogos Olímpicos na Grécia antiga que, em sua origem, estariam também vivificando o grupo social.

Palavras-chave: Grécia; Olímpia; Jogos Olímpicos; Jogos fúnebres; Culto heróico; Cultos agrários.

O atletismo e o espírito agonístico sempre se relacionaram, na Grécia antiga, com o mito e a religião: as competições esportivas realizavam-se por ocasião de festas religiosas, em santuários e nas proximidades dos templos. Assim foi em Olímpia, em Delfos, em Neméia e no Istmo de Corinto. Diversas modalidades de jogos passavam por instituições divinas e heróicas: Apolo inventou o pugilato vencendo Ares; Zeus instituiu a luta em disputa com seu pai Crono; Jasão inventou o *péntathlon* (os cinco jogos mais célebres na Antigüida-

de – corrida, arremesso de disco, lançamento de dardo, salto e luta) durante a expedição dos Argonautas; a corrida teria sido também uma instituição de Apolo disputando com Hermes ou, segundo a versão mais corrente, foi uma invenção de Héracles. Este, vindo de Creta a Olímpia, com seus irmãos *Kourétes/Dáktyloi*, com o intuito de cuidar de Zeus-criança (Pausânias II, 5.7), Héracles Idaios, incitou os irmãos a disputar uma corrida, depois de ter fixado o comprimento do estádio, coroando o vencedor com um ramo de oliveira selvagem (Yalouris, 1988, p. 80). Ritos nupciais e de disputa pela sucessão ao trono associavam-se também à prática dos concursos atléticos; finalmente, a articulação com jogos fúnebres em honra de heróis é mencionada pelos autores antigos e tem registro em fontes iconográficas.

Se as competições atléticas se inserem incontestavelmente, nas suas origens, no contexto do mito e da religião, não são uniformes as versões das fontes antigas a respeito delas, e esta diversidade de explicação tem levado os autores modernos a interpretações também divergentes e, às vezes, discordantes. Três teorias têm sido propostas: os antropólogos clássicos como Frazer e principalmente Cornford situam as origens dos Jogos no contexto da disputa ritual pelo trono (Cornford, p. 212-259); Cook dirige as suas interpretações harmonizando esta teoria com a referente aos jogos fúnebres em honra de heróis, apoiando-se sobretudo no mito de Enomau e Pélope, consagrado em Olímpia; Gardiner (Gardiner, 1925, p. 64) propõe uma terceira origem fundamentando-se em rituais agrários: para ele, as festas olímpicas tinham um caráter de lustração marcando o início e, mais tarde, a metade do Grande Ano do calendário grego (período de oito anos) e este ritos de purificação eram realizados em homenagem a Zeus, o deus predominante em Olímpia. Esta cerimônia seria uma sobreposição de algum festival antigo, realizado para promover a prosperidade das colheitas, especificamente no tocante à oliva (Gardiner, 1910, 1925, 1930). Estas explicações não são excludentes, a meu ver, e, na verdade, se conjugam num amálgama de rituais associados às práticas funerárias, como veremos a seguir.

Os Jogos Olímpicos foram reorganizados em 776 a.C., segundo a tradição, por *Óxylos* e/ou *Íphitos* de Élis, a conselho do Oráculo de Delfos. Esta data é importante – passou a ser referência para os gregos medirem o tempo – e se situa no âmbito das intensas mutações que culminam com a gênese da *pólis*. Os aristocratas que representavam a classe dirigente e dominante organizam os cultos políades divinos e heróicos. Neste contexto, o culto heróico tem papel relevante e a ideologia heróica corresponde bem aos anseios das grandes famílias aristocráticas que pretendiam, com freqüência, descender dos príncipes da era micênica (Lé-*vêque*, 1972, p. 25-26). Com efeito, o substrato micênico participa sobremaneira deste conjunto de tradições lendárias referentes à origem dos Jogos Olímpicos e para entendê-las é preciso fundamentar-se na própria história do santuário de Olímpia.

Os estudos críticos de H. -V. Herrmann e C. Rolley (Herrmann, 1962, 1972; Rolley, 1977, 1983) revelaram resultados definitivos referentes às origens do culto em Olímpia. Seu santuário situa-se numa região onde os arqueólogos detectaram vestígios do Heládico Médio

(aprox. 2000-1600 a.C.) e do período Micênico (aprox. 1600-1200 a.C.). Mas, como veremos, os vestígios do Bronze Médio referem-se a uma pequena aglomeração situada na região norte do recinto, nas proximidades do *Pelópiôn*, isto é, o santuário heróico – *herôon* – de Pélope, recuperado pela Arqueologia com base numa descrição minuciosa de Pausânias V, 13 que comentaremos mais adiante (Figs. 1, 2, 3 e 4). Sobre a ocupação meso-heládica havia um estrato de areia estéril trazida pelo rio Alfeu. A instalação seguinte é o *tumulus*, elevação artificial, do *Pelópiôn* I, isto é o *herôon* de Pélope em sua primeira fase. Desse modo, o *Pelópiôn* I, posterior portanto às habitações do Heládico Médio, apresentava-se recoberto por uma camada de terra negra contendo ex-votos do período Geométrico.

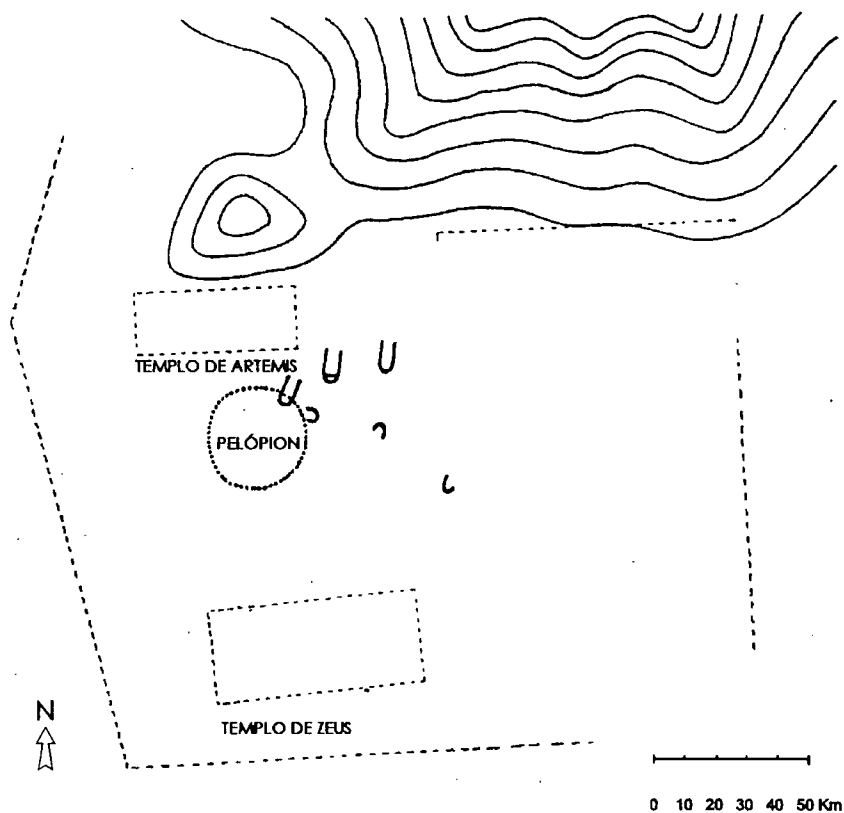
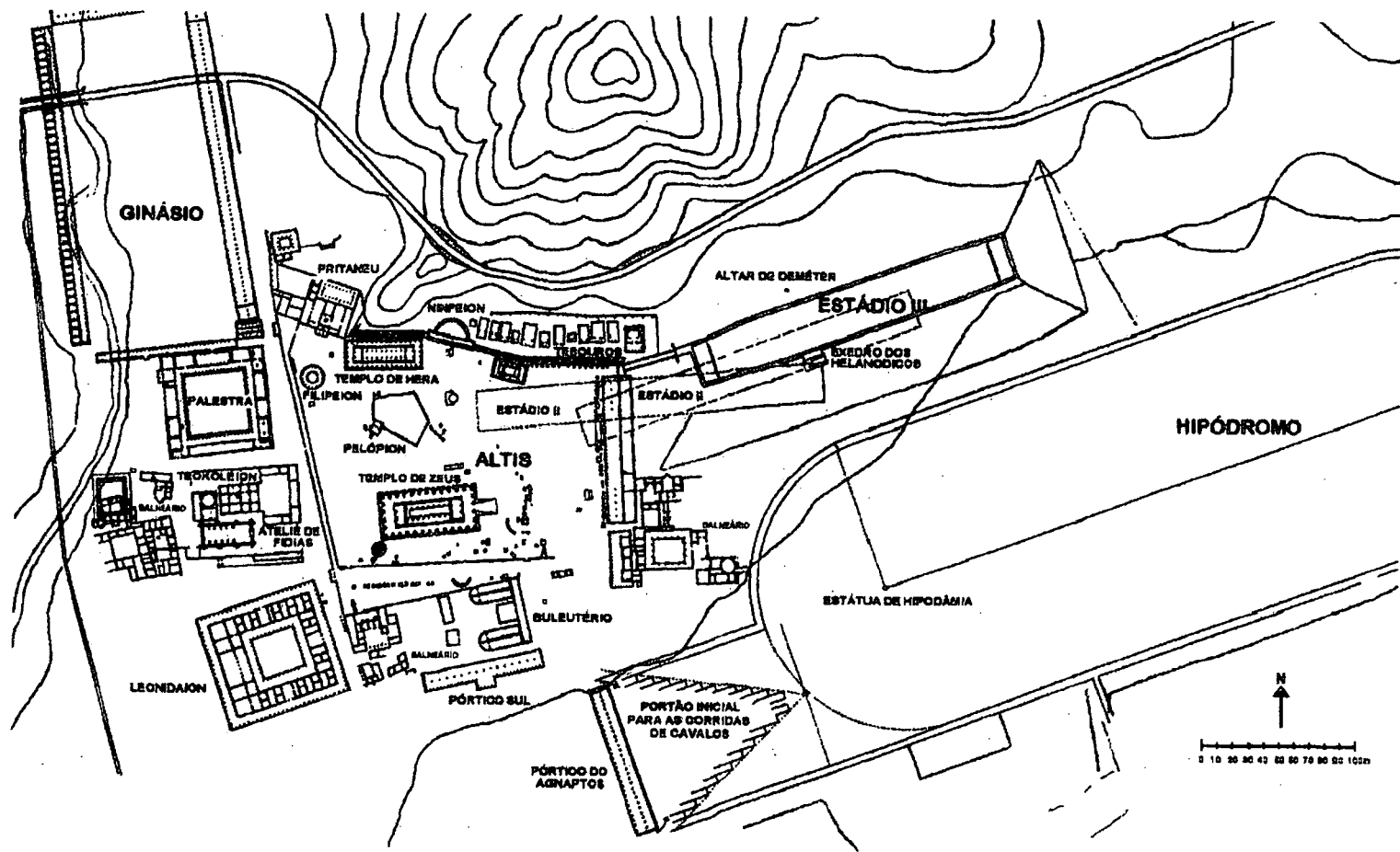


Figura 1 – O santuário de Olímpia: habitações mesoheládicas e Pelópiôn I (Herrmann, 1962, p. 16, Fig. 2)

Do primeiro nível do *Pelópiôn* datam estatuetas de terracota do I milênio a.C., mais precisamente do ano 1000 a.C., contradizendo as opiniões defendidas pela literatura especializada de que o *Pelópiôn* I dataria do período Micênico com base nos aspectos lendários da história desse herói. Confirmando ainda mais esta interpretação dos dados arqueológicos es-



Haigamuch Sarian

Figura 2 – Santuário de Olímpia (Yalouris, 1976, p. 100-101, Fig. 40)



Figura 3 – Pelópon. Olímpia, foto DAI (Deutsches Archäologisches Institut – Athen. Neg. Nr.: OL. 303)

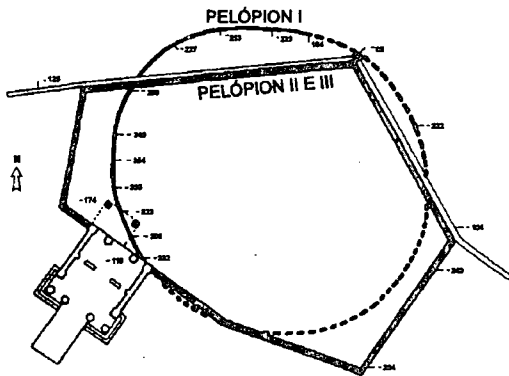


Figura 4 – Pelópon I-II-III (Herrman, 1972, p. 55, Fig. 25)

tá o fato de que o santuário de Olímpia não foi freqüentado durante o período Micênico simplesmente porque nele corria o rio Alfeu como comprova a camada estéril de areia entre o estrato meso-heládico e a instalação do *Pelópon I* por volta do ano 1000 a.C. Além dos aspectos lendários relativos a Pélope, situando-o entre as figuras da “idade heróica” micênica, os arqueólogos se apoiaram também em vestígios micênicos descobertos não na área do santuário arcaico mas em seus arredores e sem possuir nenhuma significação

particular relativa a práticas religiosas. A ausência de ocupação micênica neste setor e a cronologia das oferendas votivas combinada com a natureza habitacional e não religiosa dos vestígios mesoheládicos impõem a evidência de que o *Pelópon I* é a primeira instalação de caráter cultural no santuário de Olímpia. Desta forma, conclui C. Rolley, a primeira atividade religiosa em Olímpia, isto é, o culto heróico no *Pelópon I*, data de aproximadamente 1000 a.C.

Isto é o que tem a dizer a arqueologia de campo e a sua correta interpretação. No tocante aos vestígios textuais, duas fontes escritas referem-se ao *Pelópion* relacionando-o com os Jogos Fúnebres: Píndaro, nas *Olímpicas*, odes aos vencedores, e Pausânias. Na *Olímpica* I, 93-95, o poeta menciona o τύμβος do herói Pélope e esta menção se repete em X, 24-25, acrescida da passagem que concerne à fundação dos Jogos, junto ao túmulo de Pélope, pelo herói Hércules.

O texto de Pausânias no livro V, 13 é bastante rico de pormenores: trata-se de um *herôon* (ἡρώων), um recinto sagrado (τέμενος), coberto de árvores e que recebia sacrifícios de um carneiro negro no βόθρος (uma fossa); foi instalado por Hércules, descendente de Pélope, o que permite pensar também no caráter dinástico dos cultos heróicos.

Estes testemunhos apontam para o prestígio de Pélope em Olímpia e é o seu mito que Fídias escolheu, no séc. V a.C., para figurar no frontão leste do templo de Zeus. Originário da Anatólia, era filho de Hermes ou de Tântalo, as versões antigas diferindo neste aspecto. Seu nome, origem da denominação do Peloponeso, está ligado ao mundo da mitologia micênica. Teria recebido de Hermes o divino cetro que passou em sucessão a Atreu, Tiestes e Agamêmnon. Seu mito em Olímpia é uma história de disputa dinástica: Enomau, prevenido por um oráculo que seria destronado pelo genro, desafiou os pretendentes à mão de sua filha, Hipodâmia, a vencê-lo numa corrida de carros de Olímpia até o Istmo de Corinto. Enomau recebeu de seu pai Ares cavalos invencíveis e já havia derrotado treze pretendentes quando se apresentou Pélope, que subornou o auriga Mirtilo para remover os pinos dos eixos do carro de Enomau. Este foi atirado para fora do carro e morreu. Em consequência, Pélope casou-se com Hipodâmia e reinou em lugar de Enomau.

Os protagonistas desta lenda receberam, todos, monumentos em Olímpia, no interior do santuário. Mas o *témenos* de Pélope, o *Pelópion*, recebeu cultos funerários sucessivos e o seu *herôon* sofreu várias reformas ao longo dos séculos, desde a sua primeira instalação no séc. X a.C. Além dos textos acima mencionados, dispomos de outra passagem de Píndaro, *Olímpica* XI, segundo a qual Hércules, filho de Alcmena, foi quem primeiro celebrou os Jogos junto ao túmulo de Pélope depois de ter enfrentado os trabalhos impostos por Álgias; foi também quem delimitou o bosque do Áltis, deu o nome de Crono à colina que o domina, introduziu em Olímpia a oliveira sagrada e estabeleceu as leis que os Etólios administrariam, como juízes dos Jogos. Pausânias II, 5. 7 concorda com esta versão, mas refere-se ao Hércules Idaio e situa a instituição dos Jogos no contexto do mito relativo aos *Kourétes/Dáktyloi* de Creta.

Como explicar a sobrevivência de um mito dos tempos heróicos micênicos, em Olímpia, quando incontestavelmente a data mais antiga do *Pelópion* é, sem sombra de dúvida, por volta de 1000 a.C., como comprovou a pesquisa arqueológica analisada criticamente por C. Rolley? É que, diz este autor no estudo acima citado, no domínio da religião, do mito e das práticas rituais a continuidade se situa mais ao nível da linguagem e da tradição oral do que ao ní-

vel material (Rolley, 1977, p. 143). Neste sentido, os Jogos Fúnebres organizados por Aquiles em honra de Pátroclo são um testemunho de importância sem par, transmitido pela *Ilíada* no canto XXIII, 257-897.

Não deixa de ser relevante a coincidência da época de composição definitiva dos poemas homéricos e da data da fundação dos Jogos Olímpicos em 776 a.C. É o período também do florescimento do culto heróico. Ora, os cultos heróicos, que se iniciam no período Proto-Geométrico (1100-900 a.C.) e se desenvolvem no período Geométrico (900-700 a.C.), ocupam um espaço original entre os costumes funerários. Apresentam-se sob dois aspectos (Sarian, 1989, p. 588): de início podem ser praticados perto de uma tumba de época micênica, *thólos* ou tumba em câmara. Manifestações destes cultos, concentrados sobretudo na Argólida, Messênia e Ática, datam de aproximadamente 750 a.C., as mais recentes da metade do séc. VII a.C. Em geral, depositam-se algumas oferendas, principalmente vasos de cerâmica, em intenção de um morto de uma época “heróica”, mas estas oferendas são impessoais. Uma única inscrição, sobre um fragmento de cerâmica arcaica, foi descoberto por H. Schliemann em Micenas, acima do Círculo Tumular A: ela é uma dedicatória a um herói anônimo: $\tau\omicron\upsilon\ \eta\rho\omega\acute{o}\varsigma\ \epsilon\mu$ “eu pertencço ao herói”. (Jeffery, 1961, p. 174, n. 6)

Mas o culto heróico pode também assumir um aspecto pessoal. O herói, desta vez nomeado, recebe as honras não mais em uma sepultura, porém num santuário – *herôon*. Assim é o santuário de Olímpia, o *Pelópiou*, recinto sagrado do herói Pélope acima mencionado. Também na Academia de Atenas houve muito cedo, desde o Geométrico Antigo I (900-875 a.C.), um culto a Academo, herói fundador da cidade. Ulisses foi honrado em Ítaca, na Gruta de Polis, onde foram encontrados trípedes como oferendas datados de 800 a.C. A partir de 700 a.C. celebra-se em Micenas um culto em honra de Agamêmnon e, em Esparta, em memória de Menelau e Helena.

Todos estes cultos podem ser postos em relação com a difusão da poesia épica, em um momento em que a memória da época micênica estava bastante presente.

Esta é a explicação de Farnell (Farnell, 1921), que suscitou grande interesse e provocou estudos minuciosos sobre a questão como os de Cook, Hadzisteliou-Price e Coldstream. Outras interpretações apontam para a origem dos cultos heróicos nos cultos familiares relacionados com a ocupação da terra (Snodgrass, 1982, 1988) ou explicam a heroização num contexto político intimamente associado com a formação da *pólis* (Bérard, 1982, 1983). A descoberta em Lefkandi, Eubéia, de vestígios arqueológicos comprovando o culto heróico já no séc. X a.C., afasta a influência homérica na origem destes cultos (Popham et al, 1982). Finalmente, a obra recente de C. M. Antonaccio insiste no fato de cultos heróicos e cultos junto às sepulturas na Grécia arcaica estarem relacionados a cultos aos antepassados. (Antonaccio, 1994, 1995)

Tal questão inspirou uma análise acurada de I. Morris, que retoma a explicação antiga

de Farnell, demonstrando o forte interesse que existia no séc. VIII a.C. pelo passado, mais aos próprios micênios do que à civilização ou cultura micênica (Morris, 1988; ver também Calligas, 1988 e Whitley, 1995). Insistimos, no entanto, que por mais força que se queira dar a muitas das interpretações mencionadas, o grande número de vestígios arqueológicos concernentes aos cultos heróicos datados do séc. VIII a.C., portanto da época dos poemas homéricos, sugere uma glorificação do passado que não pode se dissociar da repercussão da poesia épica.

É no período Geométrico que se conhece na Grécia um tal florescimento de múltiplos aspectos que não é sem razão que esta época tenha sido denominada de “Renascimento Grego”: maturidade da escrita, agora alfabética, circulação dos poemas homéricos, origem da *pólis* e início do movimento colonial, surgimento dos grandes santuários pan-helênicos e da arte figurativa, reorganização oficial, em 776 a.C., dos Jogos Olímpicos. O intenso entusiasmo para estabelecer ligações com a idade heróica, conhecida através de uma longa tradição oral, propicia a difusão da poesia épica e Homero emerge também do desenvolvimento cultural e social do período Geométrico.

Os mesmos funerais com honras heróicas, oriundos da mesma sociedade que favoreceu a circulação dos poemas homéricos e a expansão do culto heróico, encontram-se materializados por práticas principescas de enterramento das quais temos alguns exemplos recuperados pelas descobertas arqueológicas. Em Salamina de Chipre, cidade fundada por refugiados micênicos do início da Idade do Ferro, foram escavadas tumbas monumentais em câmara do séc. VIII a.C., evidenciando a prática da incineração da tradição homérica e de sacrifícios de carros com seus cavalos atrelados (Karageorghis, 1969). Em Erétria, na Eubéia, a ideologia heróica transparece claramente no *herôon* datado do final do séc. VIII/início do séc. VII a.C. (Bérard, 1970, 1982). Muitos vestígios desta prática também são encontrados nas colônias gregas da Itália Meridional como em Pontecagnano, em que paralelos estreitos do séc. VII a.C. aproximam seus costumes funerários dos praticados na cidade de Erétria (D’Agostino, 1977, 1982). Em Pitecussa foi encontrada numa tumba a chamada “taça de Nestor”, com inscrição em hexâmetro datada de 740-725 a.C.: “eu sou a taça de Nestor, quem beber desta taça, logo o tomará o desejo de Afrodite de bela coroa”. Esta inscrição memoriza sem dúvida a célebre passagem da *Ilíada* IX, 632-637, em que se descreve a taça do herói aqueu, o velho Nestor. (Coldstream, 1977, p. 298, Fig. 95 c: p. 300)

Os elementos acima mencionados são solidários e apontam para uma sociedade em que as inovações, ou ainda as invenções, não recobriram totalmente a memória do passado: a lembrança dos tempos micênicos e sua valorização imprimem também a sua presença na ideologia funerária do “Renascimento Grego”, quer se trate de práticas funerárias suntuosas quer se trate de costumes funerários em honra a um herói.

A ideologia funerária homérica tal como transparece nos Funerais de Pátroclo eviden-

cia aspectos das práticas heróicas conhecidas na Grécia desde o período Proto-Geométrico. No canto XXIII da *Iliada*, 1-897, é Aquiles que preside às honras fúnebres ao caro amigo e nestas cerimônias muitos são os traços comuns às práticas heróicas: funerais magnificentes, marcados pela suntuosidade e pela participação dos chefes aqueus, por lamentações, sacrifícios animais e humanos, cortejos, jogos e rica distribuição de prêmios. Pela celebração fúnebre Pátroclo se situa na fronteira entre a morte e a imortalidade, entre o espaço dos homens e dos deuses. Os Jogos homéricos representam não apenas uma homenagem para o morto ou um espetáculo para os vivos, mas um rito revigorante do herói e, através dele, do grupo social. Assim, os jogos atléticos em honra de Pátroclo não são apenas um protótipo de descrição poética do *agón* esportivo, cânone exemplar para os próprios antigos, mas uma forma evoluída que deve ter tido no passado numerosos antecedentes. (Bilinski, 1959, p. 16-25)

Já vimos que antecedentes são estes: minóico-micênicos. Ora, duas palavras-chave do vocabulário dos concursos helênicos são cretenses e não gregas: *ἄεθλος* (jogo) e *κτερέα* (oferendas aos mortos), o que confirma um substrato minóico, tendo Micenas como intermediária (Lévêque, 1982, p. 6). É significativo que concursos de carros sejam representados nas estelas funerárias micênicas (Mylonas, 1951; Torralvo, 1994-1995). São relevantes também as figurações pintadas nos sarcófagos micênicos da necrópole de Tanagra onde o caráter funerário é acentuado pela cena das carpideiras, numa face, e, noutra, por cenas de concursos atléticos, corrida de carros e luta (Sakellarakis, *in* Yalouris, 1976, p. 13-23; Mylonas, 1951, p. 154-170). Os Jogos Fúnebres em honra de Pátroclo constituem um elo nesta transmissão, que marcará rica tradição no repertório iconográfico da Grécia arcaica, vale lembrar as representações na cratera François, do Museu Arqueológico de Florença, datada de 570 a.C., obra do pintor Clítias e do oleiro Ergotimo (Fig. 5); e no fragmento do Museu Nacional de Atenas, de mesma época, do pintor Sófilo. (Fig. 6)

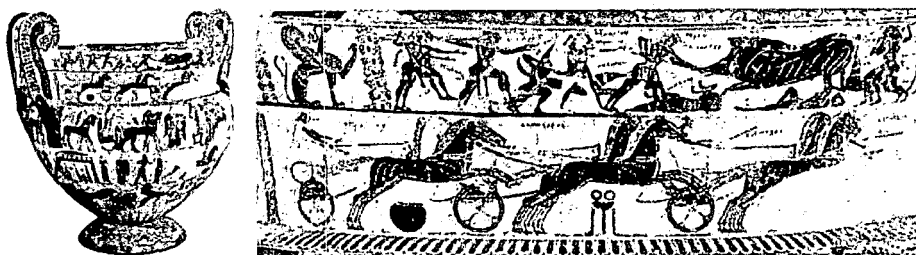


Figura 5 – Jogos fúnebres em honra de Pátroclo, na segunda faixa da cratera François. Florença. Museu Arqueológico, aprox. 570 a.C. (Arias; Hirmer, 1962, Fig. 40)

Em lugar de destaque, encontramos outra referência homérica, também pintada, em vasos funerários, onde se dá o ressurgimento da figura humana, na Atenas coincidentemente do séc. VIII, época da reaparição da prática funerária da inumação substituindo a incineração

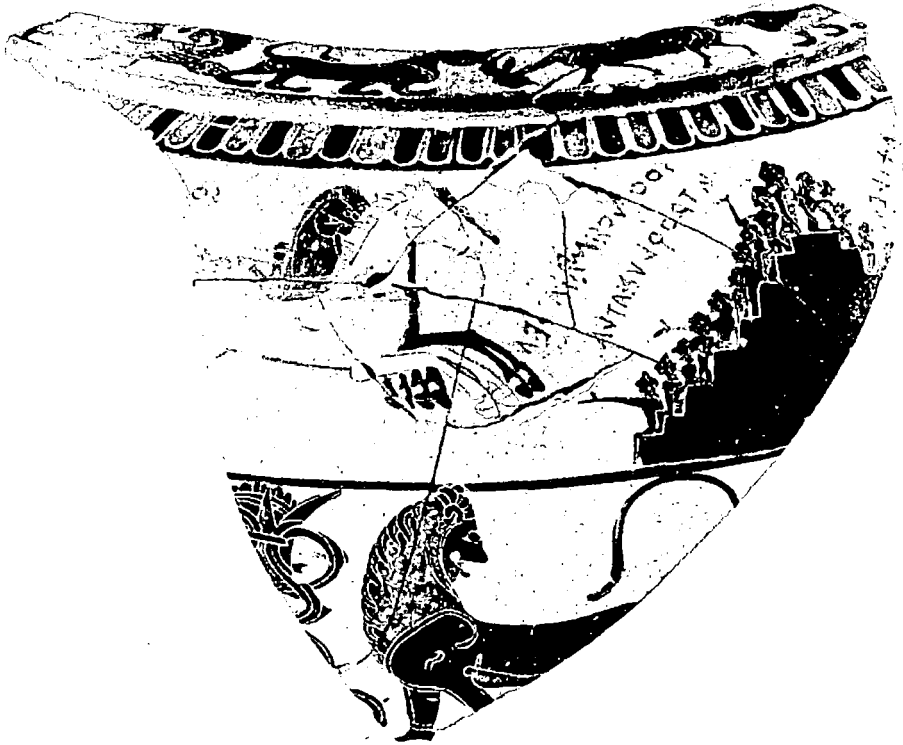


Figura 6 – Jogos fúnebres em honra de Pátroclo, Atenas, Museu Nacional, aprox. 570 a.C.
(Arias; Hirmer, 1962, Fig. 39)

do período anterior Proto-Geométrico. A esta nova maneira de sepultar os mortos liga-se intimamente a produção de alguns vasos e a sua decoração: são vasos, ânforas e crateras de dimensões humanas, exemplares excepcionais que não eram usados na vida diária, às vezes sem base ou mais comumente com a base perfurada para permitir libações, meio enterradas no solo e servindo como marcos funerários. Assim são os vasos do *Dípylon*, o cemitério da cidade de Atenas (Figs. 7, 8) decorados com cenas funerárias – exposição do morto e cortejo fúnebre. Foram fabricados para glorificar figuras expressivas da sociedade ateniense, certamente aristocratas.

Apesar da decoração geométrica cobrindo todo o vaso, o melhor espaço no corpo do vaso, o espaço mais visível ao nível das alças, passa a ser ocupado por um quadro que registra momentos dos ritos funerários, a exposição do morto, a *próthesis*, e a *ekphorá*, o cortejo fúnebre e o desfile de guerreiros em carros, com seus capacetes, escudos, lanças e espadas. (Devambez, 1961; Zervos, 1969; Ahlberg, 1971). A referência dos pintores ao rito funerário, à lembrança do morto, é um traço da maior relevância de uma sociedade que inventou o culto heróico, cuja expansão se situa exatamente no séc. VIII a.C., e o registra através da pintura, uma forma de linguagem.

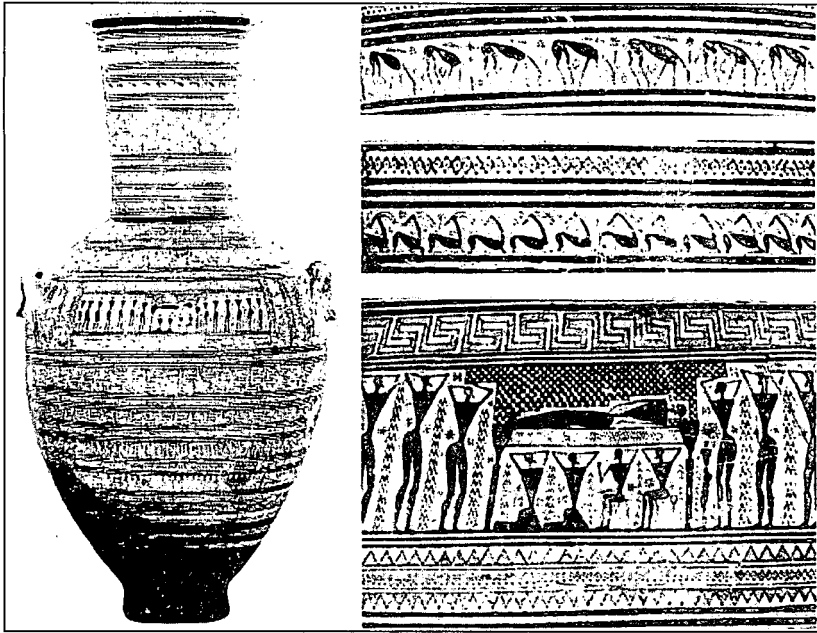


Figura 7 – Cena fúnebre em ânfora geométrica de meados do século VIII a.C.
Atenas, Museu Nacional (Zervos, 1969, p. 163, Fig. 63)

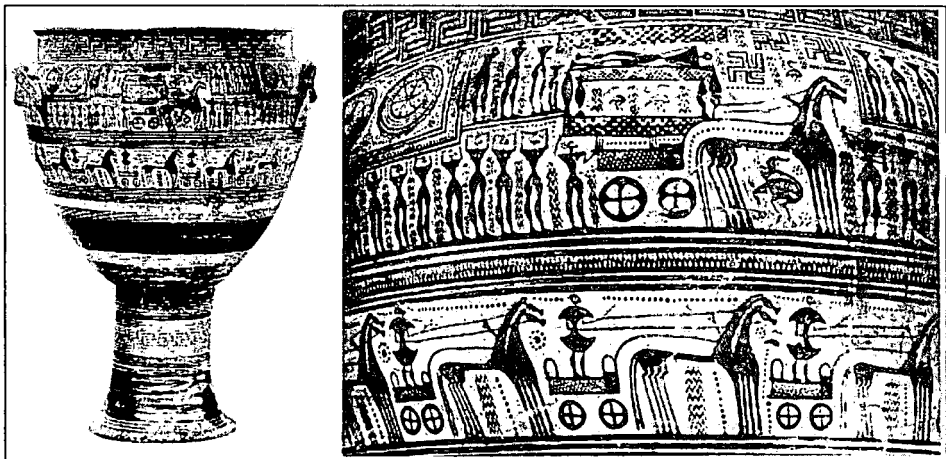


Figura 8 – Cena fúnebre em ânfora geométrica de meados do século VIII a.C.
Atenas, Museu Nacional (Zervos, 1969, p. 155, Fig. 53)

Os Jogos Olímpicos têm, portanto, origem nos Jogos Fúnebres, manifestações importantes no culto heróico. A mitologia grega tem outras lendas, além das aqui referidas, associadas a estes jogos, basta lembrar dentre os mais renomados aqueles celebrados em Tebas após a morte de Édipo. Ora, o culto heróico tem aspectos comuns ao culto agrário, ctônio e esta associação permite situar os Jogos Fúnebres num contexto em que sobrevivem rituais mais antigos realizados para prover a fertilidade dos campos. Neste caso, conjugam-se as duas teorias

referentes à origem das competições atléticas, o culto heróico e o culto agrário.

Em primeiro lugar não nos esqueçamos que a tradição religiosa de Olímpia, transmitida pelos gregos, referia-se a uma prática oracular à deusa Gê, terra. A este dado, ressaltamos também a realização de ritos agrários a Deméter *Khamýne* tão importantes nas cerimônias olímpicas, através de cultos junto ao seu altar, ao lado do estádio. Por outro lado, intensa é a presença de ritos agrários nos Jogos Olímpicos. Bilinski (1959) aponta para o fato de que os Jogos eram celebrados de quatro em quatro anos de acordo com o calendário grego, que era baseado no mês lunar. Eram organizados para que o dia principal do festival coincidisse com o segundo ou terceiro dia da lua cheia depois do solstício de verão. Isto pode significar a assimilação de algum estágio dos Jogos com ritos de fertilidade que celebravam a colheita. O aspecto agrário dos Jogos preservou-se ainda em festas religiosas rurais que perduraram na Grécia clássica. Tal é o caso das *Kárneia* de Esparta, festas a Apolo *Kárneios*, em que os jovens, denominados *Staphylodrómoi*, corriam com pesados cachos de uvas e anunciavam que o ano seria bom para a colheita se os seus perseguidores conseguissem alcançá-los. Em Atenas, nas *Oskhophória*, os jovens corriam com um ramo de vinha e, nas *Daphnephória* de Tebas, com um ramo de loureiro. Outra evidência da relação entre jogos e festas rurais transparece no ramo usado para coroar o vencedor – oliveira selvagem nos Jogos Olímpicos, pinheiro nos Jogos Ístmicos, loureiro nos Jogos Píticos de Delfos e aipo nas Neméias. (Yalouris, 1976, p. 36)

A associação dos jogos atléticos ao mesmo tempo com costumes funerários e com festas religiosas que buscavam a fertilidade da terra fundamenta-se numa ideologia de vida e de morte: da terra cansada nasce um broto e os jovens que participavam das competições se fortificavam ao homenagear os heróis mortos. Nos dois casos há uma correspondência com um ritual de revigoração, da terra e do morto, e em conseqüência da comunidade. Neste contexto, enriquece-se o sentido dos Jogos Olímpicos na Grécia antiga que, em sua origem, estariam também vivificando o grupo social.

SARIAN, H. Culte héroïque, ceremonies funèbres et l'origine des Jeux Olympiques. *Classica*, São Paulo, v. 9/10, n. 9/10, p. 45-60, 1996/1997.

RÉSUMÉ

Organisés et institués en 776 a.C., à Olympie, les Jeux Olympiques remontent, néanmoins, dans le temps, quand leurs origines s'identifient avec la propre histoire du sanctuaire. Des références significatives dans Pindare (*Olympiques*) et dans Pausanias (V, 13) soulignent le mythe de Pélops, héros local que avait, en duel, vaincu Oenomaos, le père d'Hypodamie, dans un rite nuptial et de succession au trône, exploit qui lui a valu, après sa mort, un sanctuaire caractérisé comme un *hérôon*, auprès duquel Héraclès, son descendant, a donné origine à la pratique de Jeux Funèbres en son honneur. On peut supposer qu'avant de consacrer Zeus à Olympie, les concours athlétiques aient rendu hommage à Pélops. À la mention de Pausanias s'ajoutent les découvertes archéologiques lesquelles ont identifié et retrouvé la tombe de Pélops, le *Pélopion*, dont les vestiges remontent au début du Ier. millénaire av. J. C., révélant ainsi la première installation de caractère cultuel dans le sanctuaire d'Olympie.

Nous avons une idée plus précise de ces Jeux Funèbres à partir des funérailles de Patrocle, tels qu'ils sont évoqués dans la poésie homérique (*Iliade*, XXIII) et dans les représentations figurés archaïques, lesquels correspondaient, comme toutes les cérémonies funéraires en Grèce ancienne, à un rituel de revivification du mort et, en conséquence, de la communauté. Dans ce contexte, s'enrichit le sens des Jeux Olympiques en Grèce ancienne, lesquels, dans leur origine, vivifiaient le groupe social.

Mots-clés: Grèce; Olympie; Jeux olympiques; Jeux funèbres; Culte héroïque; Cultes agraires.

Referências bibliográficas

- AHLBERG, G. *Prothesis and ekphora in Greek Geometric Art*. Göteborg: Paul Åströms Förlag, 1971.
- ALCOCK, S. E. Tomb cult and the post-classical polis. *American Journal of Archaeology*, New York, v. 95, p. 447-467, 1991.
- ANTONACCIO, C. M. Contesting the past: hero cult, tomb cult and epic in early Greece. *American Journal of Archaeology*, New York, v. 98, p. 389-410, 1994.
- ANTONACCIO, C. M. *An archaeology of ancestors: tomb cult and hero cult in early Greece*. Lanham, Maryland: Rowman and Littlefield, 1995 (Greek Studies: interdisciplinary approaches).
- ARIAS, P. E. & HIRMER, M. *A History of Greek Vase Painting*. London: Thames and Hudson, 1962.
- BÉRARD, C. *L'Hérôon à la porte de l'Ouest*. Berne: A. Francke, 1970 (Érètrie, fouilles et recherches, III).
- BÉRARD, C. Récupérer la mort du prince: héroïsation et formation de la cité. In: GNOLI, G. & VERNANT, J. P. (dir.). *La mort, les morts dans les sociétés anciennes*. Cambridge: Cambridge University Press; Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1982, p. 89-105.

- BÉRARD, C. L'héroïsation et la formation de la cité: un conflit idéologique. In: *Architecture et Société. De l'Archaisme grec à la fin de la République Romaine*. Actes du Colloque organisé par le Centre National de la Recherche Scientifique et l'École Française de Rome (Rome 2-4 déc. 1980). Paris: CNRS; Roma: École Française de Rome, 1983 (Collection de l'École Française de Rome, 66), p. 43-62.
- BILINSKI, B. *L'agonistica sportiva nella Grecia antica. Aspetti sociali e ispirazione letterarie*. Roma: Angero Signorelli Editore, 1959 (Accademia Pollaca di Scienze e Lettere. Biblioteca di Roma, fasc. 12).
- BRELICH, A. *Gli eroi greci. Un problema storico-religioso*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1958.
- CALLIGAS, P. G. Hero-cult in Early Iron Age Greece. In: HÄGG, R., MARINATOS, N. & NORDQUIST, G. C. (eds.). *Early Greek Cult Practice*. Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 26-29 June, 1986. Stockholm, 1988. *Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae*. Series in-4°, 38, p. 229-234.
- COLDSTREAM, J. N. Hero-cults in the Age of Homer. *Journal of Hellenic Studies*, London, v. 96, p. 8-17, 1976.
- COLDSTREAM, J. N. *Geometric Greece*. London: Ernst Benn, 1977.
- COOK, J. M. The cult of Agamemnon at Mycenae. In: *Geras Antoniou Keramopoulou*. Atenas, 1953, p. 112-118.
- CORNFORDE, F. M. The origin of the Olympic Games. In: HARRISON, J. *Themis. A study of the social origins of Greek Religion*. London: Merlin Press, 1977 (1^a ed. 1963), p. 212-259.
- D'AGOSTINO, B. Tombe "principesche" dell'Orientalizzante antico da Pontecagnano. *Monumenti Antichi. Accademia Nazionale dei Lincei*. Roma, Serie Miscellanea II: 1, 1977, p. 1-110.
- D'AGOSTINO, B. L'ideologia funeraria nell'età del Ferro in Campania: Pontecagnano. Nascita di un potere di funzione stabile. In: GNOLI, G. & VERNANT, J. -P. (Eds.). *op. cit.*, p. 203-221.
- DELCOURT, M. *Légendes et cultes de héros en Grèce*. Paris: Presses Universitaires de France, 1942.
- DEVAMBEZ, P. Les premiers siècles de l'Art Grec. In: DEVAMBEZ, P. (Dir.). *Histoire de l'Art 1. Le Monde non-chrétien*. Paris: Gallimard, 1961 (Encyclopédie de la Pléiade), p. 586-618.
- FARNELL, L. R. *Greek hero cults and ideas of immortality*. Oxford: Clarendon Press, 1921.
- FOUCART, M. P. *Le culte des héros chez les Grecs*. Paris: Imprimerie Nationale, 1918.
- GARDINER, E. N. *Greek athletics sports and festivals*. London: Macmillan, 1910 (Handbooks of Archaeology and Antiquities).
- GARDINER, E. N. *Olympia. Its history and remains*. Oxford: Clarendon Press, 1925.
- GARDINER, E. N. *Athletics of the ancient world*. Oxford: Clarendon Press, 1930.
- HADZISTELIOU-PRICE, TH. Hero-cult and Homer. *Historia*, Wiesbaden, v. 22, p. 129-143, 1973.
- HERRMANN, H. -V. Zur Ältesten Geschichte von Olympia. *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Institut*, Athen, Berlin, p. 3-34, 1962.
- HERRMANN, H. *Olympia. Heiligtum und Wettkampfstätte*. München: Hirmer Verlag, 1972.

- JEFFERY, L. H. *The local scripts of Archaic Greece*. Oxford: Clarendon Press, 1961.
- KARAGEORGHIS, V. *Salamis in Cyprus. Homeric, Hellenistic and Roman*. London: Thames and Hudson, 1969.
- LÉVÊQUE, P. Continuités et innovations dans la religion Grecque de la première moitié du Ier. millénaire. *La Parola del Passato*, Napoli, v. 28, p. 23-50, 1972.
- LÉVÊQUE, P. Approche ethno-historique des concours grecs. *Klio*, Berlin, v. 64, p. 5-20, 1982.
- MORGAN, C. *Athletes and oracles. The transformation of Olympia and Delph in the eighth century B. C.* Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- MORRIS, I. Tomb cult and the "Greek Renaissance": the past in the present in the 8th. century B.C. *Antiquity*, London, v. 62, p. 750-761, 1988.
- MYLONAS, G. E. The figured Mycenaean stelai. *American Journal of Archaeology*, New York, p. 154-170, 1951.
- POPHAM, M. R., TOULOUPE, E. & SACKETT, L. H. The hero of Lefkandi. *Antiquity*, Newbury, v. 56, p. 169-174, 1982.
- ROLLEY, C. De la métallurgie aux sanctuaires: rupture ou continuité ? In: *Les trépieds à cuve clouée*. Paris: Éd. De Boccard, 1977 (Fouilles de Delphes V, 3).
- ROLLEY, C. Les grands sanctuaires panhelléniques. In: HÄGG, R. (dir.) *The Greek Renaissance of the Eighth Century B. C.* Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981. *Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae*, Series in 4°, XXX. Stockholm, 1983, p. 109-114.
- SARIAN, H. L'héritage mycénien: continuités et ruptures (La civilisation). In: TREUIL, R. et alii. *Les civilisations égéennes du Néolithique et de l'Âge du Bronze*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989, p. 585-593 (Nouvelle Clio: l'Histoire et ses Problèmes).
- SCHNAPP-GOURBEILLON, A. Les funérailles de Patrocle. In: GNOLI, G. & VERNANT, J. -P. (dir.) *op. cit.*, p. 77-88.
- SNODGRASS, A. Les origines du culte des héros dans la Grèce antique. In: GNOLI, G. & VERNANT, J. -P. (dir.) *op. cit.*, p. 107-119.
- SNODGRASS, A. The archaeology of hero. *AION. Annali dell'Istituto universitario orientali di Napoli. Dipartimento di Studi del Mondo Classico e del Mediterraneo antico, Sezione di archeologia e storia antica*. Roma, v. 10, p. 19-26, 1988.
- TORRALVO, A.C. A iconografia das estelas funerárias dos Círculos Tumulares A e B de Micenas. *Classica*, São Paulo, v. 7/8, p. 33-51, 1994-1995.
- VALLOIS, R. Les origines des Jeux Olympiques. Mythes et Réalités. *Revue des Études Anciennes*. Talence, v. 28, p. 305-322, 1926.
- YALOURIS, N. (Org.). *The Olympic Games*. Atenas: Ekdotike Athenon S. A., 1976.
- YALOURIS, N. La contribution des Jeux au développement des Lettres et des Arts en Grèce ancienne. *Classica*, São Paulo, v. 1, p. 79-87, 1988.

WHITLEY, A. J. M. Tomb cult and hero cult: the uses of the past in Archaic Greece. In: SPENCER, N. (Ed.). *Time, tradition and society in Greek Archaeology: Bridging the "Great Divide"*. London/ New York: Routledge, 1995 (Theoretical Archaeological Group) p. 43-63.

ZERVOS, C. *La civilisation hellénique. XI^e - VIII^e s.* Paris: Éditions "Cahiers d'Art", 1969.